**Envelhecer em comunidades rurais: a vida narrada por velhos e velhas no interior do Paraná**

*Aging in rural communities: the life narrated by old men and women in the interior of Paraná*

*Envejecer en comunidades rurales: la vida narrada por ancianos y ancianas en el interior de Paraná*

Débora Cristina Pereira Prado

Lirian Simões Krupek

Priscila Leite Gonçalves

**RESUMO:** Dada a importância da produção científica acerca do processo de envelhecimento em comunidades rurais, este artigo apresenta um recorte das narrativas de quatro pessoas idosas sobre a experiência de envelhecer em uma comunidade rural no interior do estado do Paraná. Três eixos de análise foram elencados a partir de entrevistas semiestruturadas: as (novas) relações com a agricultura, as relações interpessoais na comunidade e o advento da Covid-19. Espera-se fornecer subsídios para o desenvolvimento de pesquisas e políticas públicas que possam garantir os direitos fundamentais para pessoas idosas envelhecerem como e onde desejarem.

**Palavras-chave:** Velhices; Envelhecer no lugar; Covid-19.

***ABSTRACT:*** *Given the importance of scientific production about the aging process in rural communities, this article presents an excerpt from the narratives of four elderly people about the experience of aging in a rural community in the interior of the state of Paraná. Three axes of analysis were listed based on semi-structured interviews: the (new) relationships with agriculture, interpersonal relationships in the community and the advent of Covid-19. It is hoped to provide subsidies for the development of research and public policies that can guarantee the fundamental rights for elderly people to age as and where they wish.*

***Keywords:*** *Elderly; Aging in place; Covid-19.*

***RESUMEN:***  *Dada la importancia de la producción científica sobre el proceso de envejecimiento en las comunidades rurales, este artículo presenta un extracto de las narrativas de cuatro ancianos sobre la experiencia del envejecimiento en una comunidad rural del interior del estado de Paraná. Se enumeraron tres ejes de análisis a partir de entrevistas semiestructuradas: las (nuevas) relaciones con la agricultura, las relaciones interpersonales en la comunidad y el advenimiento del Covid-19. Se espera otorgar subsidios para el desarrollo de investigaciones y políticas públicas que puedan garantizar los derechos fundamentales de las personas mayores a envejecer como y donde lo deseen.*

***Palabras clave:*** *Vejeces; Envejecimiento en el lugar; Covid-19.*

**Introdução**

É contumaz, na literatura sobre envelhecimento, os textos se iniciarem com definições do modelo hegemônico biomédico, cujos saberes apropriam-se dos discursos sobre a velhice, como uma fase normal ou patológica do organismo, caracterizando os aspectos orgânicos e mecanicistas pelos quais os sistemas e órgãos vão, aos poucos, diminuindo seu ritmo de funcionamento, além de estabelecer uma compreensão superfragmentada sobre o corpo humano (Moraes *et al.,* 2016). Neste artigo, ao recordar que envelhecemos em um processo contínuo desde que nascemos, partimos da reflexão de Messy (1999) acerca da palavra envelhecimento, em francês “*vieillissement*”, que justamente se inicia com a palavra vida (“*vie*”), suscitando a afirmação de que “envelhecemos como vivemos” (Messy, 1999, p. 17).

Para ampliar as discussões sobre a complexidade e a heterogeneidade das velhices, aproximando-nos de uma visão integral e integrada dos sujeitos que envelheceram como viveram, este artigo apresenta considerações sobre a construção sociocultural da experiência de longeviver em comunidades rurais, a partir das narrativas de pessoas idosas que vivem no interior do estado do Paraná.

Se envelhecemos como vivemos, há que se pensar em como é longeviver em comunidades rurais e como esse processo é afetado, por exemplo, por uma pandemia. Diversos são os atravessadores do modo de viver nesses territórios, como o contexto social, a cultura, a política, os processos de saúde-doença, além dos costumes, do sistema econômico/financeiro, questões religiosas e espirituais, questões sociais como classe, gênero, território, raça e etnia, dentre outras tantas. Ou seja, não envelhecemos da mesma forma, porque não vivemos da mesma maneira. Ressaltar a heterogeneidade das velhices implica na produção e democratização do conhecimento acerca do processo de envelhecimento em comunidades rurais.

Nos últimos 50 anos, segundo o relatório mundial sobre envelhecimento e saúde da Organização Mundial de Saúde (WHO, 2015), assistimos a uma grande mudança demográfica da vivência em áreas rurais para as áreas urbanas, sendo a primeira vez em que a maioria da população mundial vive em cidades. Dados do IBGE no Censo Demográfico de 2010 demonstram a divisão “urbana e rural” para a classificação da população por situação do domicílio, segundo a qual, em números aproximados, há no Brasil 160 milhões de pessoas na área urbana e 30 milhões na área rural. Refinando a pesquisa para o estado do Paraná e a cidade de Irati, são nove milhões de pessoas vivendo em áreas urbanas; e 1,5 milhão, nas áreas rurais; e, por fim, em Irati são 45 mil e 11 mil nas respectivas áreas.

O território não se constitui apenas enquanto lugar geográfico, mas também como lugar de existência e de identificação, território rural que produz subjetividades, a partir das quais se forma um sujeito e o filtro pelo qual se vê o mundo. Território que sobrepuja a dicotomia classificatória de centro e periferia, de urbano e rural e apresenta a existência, o modo de viver de cada sujeito em constante movimento, localizando limites singulares:

O valor do território é existencial: ele circunscreve, para cada um, o campo do familiar e do vinculante, marca as distâncias em relação a outrem e protege do caos. O investimento íntimo do espaço e do tempo implica essa delimitação, inseparavelmente material (consistência de um "agenciamento") e afetiva (fronteiras problemáticas de minha "potência"). O traçado territorial distribui um fora e um dentro, ora passivamente percebido como o contorno intocável da experiência (pontos de angústia, de vergonha, de inibição), ora perseguido ativamente como sua linha de fuga, portanto como zona de experiência (Zourabichvili, 2004, p. 23).

Juntamente com o território geográfico, mas principalmente com os significados atribuídos aos territórios, é importante considerar o agenciamento da escolha pelo lugar onde se deseja envelhecer. O território atrelado ao afeto, repleto de significantes, inclui a casa, o lar dos sujeitos, seu terreno, sua rua, seu bairro, sua comunidade, os “seus”. São redes de afetos e de vínculos, os quais engendram o modo de viver, de se constituir e se reconhecer enquanto sujeito que envelhece. Nesse sentido, o ambiente físico, social e afetivo, as redes de suporte, influenciam nesse processo, tanto de forma construtiva e saudável, ajudando a manter a autonomia e qualidade de vida, como no sentido oposto (Pinto, 2013).

A despeito das iniciativas promovidas pela Organização Mundial de Saúde para tornar as cidades mais amigáveis aos idosos, a fim de estimular “o envelhecimento ativo ao otimizar oportunidades para saúde, participação e segurança, para aumentar a qualidade de vida à medida que as pessoas envelhecem” (OMS, 2008, p. 7), a literatura acerca de comunidades amigas do idoso (*age-friendly communities*) é predominantemente voltada para um modelo de envelhecimento urbano e, portanto, falha em refletir a diversidade e as necessidades das comunidades rurais (Keating, Eales, & Phillips, 2013). Nesse sentido, estando as políticas públicas voltadas para a velhice, em geral, concentradas no contexto “urbano”, é fundamental refletir sobre as possibilidades de uma escolha por viver a velhice no contexto “rural”.

Por conseguinte, operar uma escolha de envelhecer onde se vive remete ao conceito de “*aging in place*”, que diz respeito “à capacidade de continuar a viver em seu próprio domicílio, de forma segura, independente e confortável, mesmo na presença de aumento da idade, alteração da renda ou incapacidade, numa perspectiva de curso de vida” (Ferrer, 2018, p. 15). Ou seja, há o desejo do sujeito de permanecer no lugar com o qual construiu uma rede de afetos, de significados e que dá a ele referência de quem é, de bem-viver, ou mesmo de estratégias para enfrentamento de processos de luto, como por mortes, perdas de funções/habilidades ou relações. Permanecer no lugar que se viveu grande parte da vida é propiciar que se envelheça como se vive, onde e com quem (lugar, lar, redes de suporte) se deseja (Pinto, 2013). Vale ressaltar, entretanto, a premência de políticas que garantam condições para o atendimento das necessidades de cuidados, moradia adequada, segurança e socialização para permitir que pessoas idosas possam envelhecer onde vivem (Golant, 2008).

Logo, o envelhecer no lar/lugar (*aging in place*) está diretamente relacionado ao direito da pessoa idosa de viver e ser incluída em sua comunidade, a partir da escolha por seguir vivendo onde lhe é significativo, essencial. Isso posto, é de extrema importância pensar as velhices no campo – território que erige este trabalho – na perspectiva do sujeito idoso que lá vive seu processo de envelhecimento, isto é, a partir da escuta de sua própria narrativa. Nesse sentido, o objetivo deste artigo é apresentar um recorte das narrativas de quatro pessoas idosas habitantes de uma comunidade rural em Irati, no Paraná, que escolheram envelhecer nesse território. Para tanto, foram realizadas entrevistas para conferir centralidade às vozes desses sujeitos, carregadas de sentido e de subjetividade que (re)criam formas de viver, num constante movimento atravessado pelas diversas dimensões do existir (família, etnia, classe, raça, gênero, trabalho, cultura, momento histórico, política, dentre outros).

**Metodologia**

Trata-se de um estudo qualitativo, de caráter exploratório, no qual foram realizadas entrevistas com quatro pessoas idosas, sendo duas mulheres e dois homens, que nasceram em diferentes décadas, em uma comunidade rural da cidade de Irati, PR. Tendo como base uma lista de idosos(as) inscritos(as) no CAD Único, buscamos por comunidades rurais onde morassem idosos(as) com as faixas etárias de 60-69, 70-79, 80-89 e 90-99 anos. Como resultado desse método de busca, encontramos apenas uma comunidade em que residia uma idosa com mais de 90 anos, na qual foi desenvolvido o estudo.

Paralelamente à busca de contatos dos(as) possíveis idosos(as), construímos um roteiro semi-estruturado de entrevista, com perguntas abertas que possibilitariam a condução de uma conversa fluida, que deixasse o(a) idoso(a) à vontade para se expressar e, caso necessário, retomaríamos temas que necessitassem maior elucidação, sempre valorizando a livre narrativa do(a) idoso(a). O roteiro visou a possibilitar às pessoas idosas narrarem suas experiências no processo de viver e envelhecer na comunidade rural, e abordou informações de identificação pessoal, aspectos sociais, pessoais, de relacionamentos familiares, saúde, mobilidade, solidão, rede de apoio, memória e história de vida, perspectivas futuras, questões de gênero e a atual situação com relação ao coronavírus. Para todos(as) os(as) idosos(as) foi feito um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assinado pelas autoras e pelo(a) idoso(a), ficando uma cópia com cada qual.

Os encontros foram realizados em duas datas, 28 de outubro de 2020 e 4 de novembro de 2020, seguindo os protocolos estabelecidos pelas autoridades de saúde para prevenção da Covid-19: uso de máscara, álcool 70%, distanciamento e, quando possível, realizamos a conversa sem entrar na casa. Quando das conversas feitas no interior da casa, deixamos os sapatos para fora e mantivemos um distanciamento. Embora o diálogo por telefone fosse uma possibilidade, os(as) idosos(as) com quem fizemos contato preferiram conversar pessoalmente.

Todas as entrevistas foram feitas por uma dupla de pesquisadoras, em que uma era responsável por conduzir a conversa e a outra por realizar os apontamentos, permitindo, assim, que a pesquisadora que estava norteando a conversa mantivesse contato direto com o(a) idoso(a), olhando nos olhos, interagindo de forma mais ativa, transmitindo maior confiança e acolhimento às histórias que estavam sendo contadas. Contudo, esta forma de condução do diálogo não foi impeditiva para que todos(as) pudessem interagir durante a conversa. Os encontros duraram cerca de duas horas cada. As entrevistas foram transcritas e foi realizada análise de conteúdo das narrativas dos(as) idosos(as), e os eixos de análise que mais se destacaram são descritos a seguir.

**Resultados e Discussão**

De modo a elencar os temas que se destacaram durante a análise de conteúdo das narrativas, as questões mais relevantes foram agrupadas em três eixos: a agricultura, as relações (interpessoais na comunidade e na família; e de lugar na comunidade) e a relação com a Covid-19. Não pretendemos, neste artigo, esgotar a discussão sobre esses eixos, mas apresentar reflexões a respeito de temáticas relevantes que possam ser subsídios para futuras pesquisas na área, contribuindo para a incipiente literatura acerca do envelhecimento em comunidades rurais.

Para não identificar, ao longo do trabalho, as pessoas com as quais tivemos contato na comunidade, não nomeamos estas ou aquelas, utilizando, então, nomes de plantas para facilitar o acompanhamento. Temos quatro atores principais: duas mulheres, Cravo (77 anos) e Perpétua (84 anos), e dois homens, Açafrão (66 anos) e Gengibre (92 anos). Outras pessoas que estiveram junto destas recebem denominações ao passo que vão aparecendo no corpo do texto.

Apresentamos, a seguir, uma breve descrição sobre a história dos(as) entrevistados(as), seguida pela discussão dos eixos de análise delimitados para este artigo.

**As raízes**

Açafrão, com 66 anos, mora com a esposa Margarida, com 59 anos, em terreno herdado dos pais, assim como herdou o ofício de lavrador da terra. Seus pais morreram novos, por volta dos 50 anos, de forma rápida (infarto), conta Margarida, diferentemente dos pais dela, que morreram mais velhos, mas sofreram. Açafrão teve sete irmãos, e quatro filhos, dos quais dois moram ao lado e outros dois moram “na cidade” (referindo-se a Irati).

Cravo, hoje com 77 anos, chegou com sua família, em 1971, ele com 28 anos, todos vindos da cidade de Rio Azul. Conta que os pais eram rígidos e exigiam que os filhos tivessem uma conduta religiosa diária, incentivando-os a rezar em polonês diariamente em frente ao altar que havia na casa. Embora rigorosos, os pais de Cravo sempre foram muito carinhosos, pelo que lhes é grato, além do cuidado e do que lhe ensinaram. Relembra que naquela época *“nunca faltou nada de comida, mas móveis a gente não tinha. Também era o costume, na época, não ter muitos móveis, porque dinheiro a gente tinha. E as crianças andavam descalço também.”*.

Perpétua, nascida em Rebouças, chegou no distrito com três anos de idade, com seus pais, estes oriundos da região de Curitiba. Por 84 anos convive na comunidade, sempre lidando na lavoura, prática que também herdou dos pais, que plantavam tudo o que comiam, compravam apenas sal, açúcar e querosene. Teve oito irmãs(ãos), casou-se duas vezes e teve quatro filhas; atualmente três morando na capital (Curitiba, PR) e uma, na comunidade.

Gengibre mora com a esposa, Calêndula, e com a cunhada, Manjerona; na casa ao lado mora sua única filha, Sálvia, e seu genro, Manjericão. Com 92 anos, nem sempre morou no distrito, junto da esposa, da cunhada, da filha e do genro. Já morou em Curitiba e também na região. Recorda que desde sempre trabalhou na lavoura. Junto de Calêndula plantavam feijão, milho, batata e outros, tanto para consumo familiar quanto para venda ou troca dos excedentes com os vizinhos.

**A relação com a terra: herança, saúde, inovação**

A prática agrícola é forte no distrito e é a base econômica do local. Todos os sujeitos entrevistados trazem consigo a tradição da agricultura familiar, conservando no quintal de suas casas alguma prática que a preserve, agora que não plantam em grande quantidade.

Esta localidade, integrando o ambiente rural de Irati, caracteriza-se como tal pela transição da policultura para a monocultura, daquela realizada em uma perspectiva de subsistência, coletiva, no sentido de troca dos excedentes com vizinhos(as), para esta em um contexto capitalista, visando ao lucro. Sochodolack e Maneira (2019) explanam a transição ocorrida:

O cultivo desses produtos, especialmente fumo e soja, aparece em um momento de enfraquecimento das relações culturais tradicionais e fortalecimento das práticas capitalistas de produção, baseadas na monocultura. Até a década de 1970, a prática da policultura centrava-se em produtos para o consumo familiar, como trigo, batata inglesa, centeio, arroz e feijão, além da criação de suínos, caprinos, equinos, bovinos e aves domésticas, entre outros (Sochodolack, & Maneira, 2019, p. 55).

Vemos claramente a transição na prática por meio da fala de Açafrão, que lembra que o pai, da terra, sustentava a família com o que plantava: tinha arroz, feijão, batata, tudo o que era necessário para a subsistência da família. E narra sobre como era difícil ir para a roça de carroça com chuva ou sol e que por muito tempo (até seus 40 anos) continuou a lavrar a terra da mesma forma que o pai, até ingressar no cultivo de fumo, no qual se aposentou, depois de vinte anos. Açafrão ressalta que, após começar a lidar com o fumo “*melhorou a vida!*”; foi, então, que ele conseguiu construir a casa em que mora até hoje e a sentir-se mais seguro financeiramente.

Sabemos que o fortalecimento das práticas capitalistas de produção agrícola não se preocupa com os sujeitos em si, mas sim com o resultado final do seu trabalho: o lucro.

Sumarizando essa mudança, na policultura o sujeito era camponês e, na monocultura, ele se torna um agricultor, ou seja, não possui mais um modo de vida, mas uma profissão (Wanderley, 2000). Na prática, talvez muita coisa não mude para o sujeito, o que parece facilitar que não se reconheça essa transformação de forma tão explícita, e também não se perceba outros processos que se modificam, como o de saúde-doença, por exemplo.

Se antes o modelo era de subsistência, agora, no modelo produtivista, a necessidade de aumento de eficiência e produção demanda uma modernização, com a intensificação da utilização de insumos industriais, venenos, e sua dependência (Wanderley, 2000). Essa inovação, necessária, parece, nas conversas que tivemos, ser percebida como ponto positivo, sem levar em consideração sua repercussão na saúde de forma política, ou seja, sem pensar que modifica a relação com o corpo, com a família e com a comunidade.

Perguntamos sobre os efeitos colaterais para a saúde, resultantes da prática de cultivo do fumo. Açafrão nos conta que o pior momento era na colheita e na secagem, época em que passava muito mal, sentia-se intoxicado e, às vezes, passava-se a noite vomitando. Ou seja, se percebe uma consequência à saúde de forma volátil, apenas no momento em que se passa mal, em que o corpo reclama ao que está sendo exposto. Mas não se pensa nas respectivas consequências em longo prazo, nem no fato de que é a herança que se está deixando para a prole.

Os filhos de Açafrão herdaram a prática de cultivo de fumo e hoje lavram as terras do pai, que já as dividiu para os filhos. Moram no mesmo terreno e utilizam toda a infraestrutura, que começou a ser construída por Açafrão, para secagem do fumo. Além dos filhos, os recursos naturais na comunidade também são afetados, pois o próprio Açafrão aponta para a diferença que percebe na frequência das chuvas, mais escassas, nos longos períodos de seca; portanto, na escassez de córregos antes tão recorrentes. A utilização de agrotóxicos, em comunidades como esta, é prejudicial a ela como um todo. Ao citar três dimensões da “crise” da agricultura no modelo produtivista, Wanderley refere-se à dimensão ambiental, na qual “o uso excessivo e indiscriminado dos insumos químicos de origem industrial trouxe como consequência o risco de um sério desgaste de recursos naturais” (Wanderley, 2000, pp. 95-96).

Como ressaltam Sochodolack e Maneira (2019, p. 55), “o cultivo desses produtos, especialmente fumo e soja, aparece em um momento de enfraquecimento das relações culturais tradicionais”, e pudemos perceber na fala de todos os sujeitos entrevistados a referência ao antes e depois. Antes, funcionando uma produção de policultura, para subsistência, e relações entre membros da comunidade como “mais unidos” e, depois, na produção de monocultura, visando a lucro, trazendo como ponto positivo uma “melhora de vida”, porém o “povo não é unido”.

Embora não esteja no escopo deste artigo nos aprofundarmos em discussões sobre questões de gênero, percebe-se, nas conversas, que a atividade das mulheres com o campo é secundária, sendo-lhes reservado o espaço de auxiliar os homens na lavoura e, quando muito, serem responsáveis pela horta do quintal de casa. Na maior parte do ano ficam em casa e apenas “*quando apura na colheita*”, isto é, quando é mais necessário, é que vão para a roça.

**Do coletivo ao núcleo familiar: as relações interpessoais na comunidade rural**

Açafrão conta que, antigamente, as pessoas se encontravam nas festas da igreja. Por muito tempo ele foi responsável pela organização, participando na comissão da igreja responsável por esses eventos, e lembra, ainda, que várias vezes investia recursos próprios para que as festas acontecessem. Relata que essas festas ainda acontecem e é um dos momentos na comunidade em que as pessoas trabalham em conjunto; ressalta, porém, que existem muitos desentendimentos durante a organização e realização do evento.

Açafrão frequentemente sai para conversar com os amigos, jogar cartas e, quando bebe, é “uma ou outra latinha de cerveja”; fora isso, é “da casa pro trabalho e do trabalho pra casa”. Narra sobre ter um bom convívio com sua esposa, Margarida, a qual comenta que gosta de dançar para se divertir; o marido, porém, não gosta muito (e nesse momento Açafrão solta um sorriso meio tímido e não comenta nada); então, quando acontecem os bailes, ela nem consegue aproveitar direito.

Observa-se um vínculo forte com a família quando Açafrão demonstra preocupação com o espaço para construir as casas dos netos, ao relatar e apontar para o espaço onde mora o filho, comentando que a área de cultivo vai diminuindo conforme a família vai crescendo, porque “*tem que dar um pedaço de terra pros piá poder sobreviver também, né?*”.

Assim que chegou na comunidade, relembra Cravo, as pessoas eram mais unidas, havia matinês e dançavam muito; um de seus passatempos favoritos, lembra com alegria: “*Eu tinha de tudo! Ia todo mundo junto na igreja, agora não vai mais*”. Por não gostar de trabalhar na roça, Cravo foi estudar, aprendendo o ofício de enfermeira, retornando e trabalhando na UBS da comunidade até se aposentar. Podemos perceber a existência do êxodo de jovens atrelado à relação do trabalho na roça e a busca por outras possibilidades de trabalho, e também uma exceção: a de uma mulher ser “liberada” pelo pai para estudar na cidade por volta de 1960, quando a sociedade era ainda mais marcada pelo patriarcado.

Podemos perceber na fala de Rosa, nora de Cravo, e também de Açafrão, o êxodo dos jovens em busca de melhores condições de trabalho. Nas palavras de Açafrão, “*os jovem tão indo tudo pra a cidade; então, a comunidade tá diminuindo; só os velho ficam, que tão morrendo. Não tem emprego, não tem estudo, ou vai pro fumo ou pra cidade*”. Rosa apresenta uma possibilidade para além da “roça”, o frigorífico, que emprega muitos(as) moradores(as) da comunidade, mas que também não é o melhor emprego, pelas condições de trabalho; então, só fica na comunidade quem gosta e não quer ir para a cidade, “*que são poucos*”. Perpétua também conta sobre a saída da comunidade de todas as suas filhas, das quatro que foram, porque não queriam trabalhar na roça, uma voltou, porque “*achou muito sofrida a vida de doméstica*” e agora trabalha na lavoura com fumo. Todos esses relatos corroboram as evidências da literatura especializada, em que a globalização e a conectividade global tornam mais fácil para as gerações mais jovens migrarem para áreas urbanizadas e de crescimento industrial, o que pode resultar em membros mais velhos da família sendo deixados em áreas rurais pobres, sem as estruturas familiares às quais poderiam recorrer para obter apoio (WHO, 2015).

O senso de comunidade parece algo importante para Cravo, que ajudava e ajuda a comunidade por meio de diversas atividades: fazia xaropes, indicava chás para diversos males, ajudava na criação de sopas para distribuição aos mais carentes da comunidade e ainda ensinava pintura em pano de prato. Ela ainda descreve que, quando as pessoas a procuram, ela faz os xaropes para gripe e tosse, mas lamenta que “*não tem no povoado ninguém mais novo que se interesse por fazer essas coisas de remédios naturais*”.

Segundo Cravo, ela sempre se destacou na comunidade na prestação de auxílio aos mais carentes e nos trabalhos com a igreja, participando ativamente na pastoral da criança; foi catequista e ainda conduzia velórios. Hoje em dia, a pastoral da criança está desativada, mas Cravo ainda organiza algumas reuniões para rezar o terço. Percebe-se que Cravo tem certa dificuldade em não estar mais à frente de todas as atividades que fazia anteriormente, quando expressa que “*eles não estão fazendo mais como a gente fazia; não funciona mais*”.

As mudanças na união das pessoas e no senso do coletivo também podem ser observadas na fala de Perpétua: *“hoje um não dá bola pro outro, um quer ser mais que o outro. Antes eram tudo unido, quando ficava doente tudo* (muitas pessoas) *ia lá”*, narrando que durante dois anos teve dificuldades na visão e precisava de auxílio para tudo em casa, auxílio este que só foi possível ter por meio da remuneração de alguém da comunidade. Com o passar dos anos, as relações se fragilizaram e distanciaram, e atualmente existe uma única pessoa que a auxilia sem necessidade de ser remunerada, uma vizinha que mora em frente à sua casa: *“eu cuido dela, ela cuida de mim”*.

Perpétua também é bastante religiosa, apreciando frequentar cultos e missas. Nesse momento, Perpétua nos explica a diferença entre culto e missa: *“culto é guiado pelo ministro* (ou ministra)*; já a missa é pelo padre”*. Outra atividade de que Perpétua também gostava de participar era a pastoral, e de reuniões sobre hipertensão que havia no posto de saúde.

De todos os entrevistados, o único que manifestou que o distrito continua unido foi Gengibre, que comenta que *“o povo é bom! Era unido e continua unido”*; nesse momento o genro comenta que Gengibre não sai muito de casa e que há tempos não pode sair sozinho porque está com dificuldades de espacialização e localização.

Gengibre mantém mais vínculo com os familiares e relembra que, quando era jovem, só ia da casa para o trabalho, do trabalho para casa, e não faltava às missas. Gengibre não se sente sozinho e comenta que *“sempre tem a companheira”*, apontando para Calêndula, sua esposa.

Todos/as os/as entrevistados(as) afirmam não ir muito à cidade (centro de Irati) e passam a maior parte do tempo na própria comunidade, o que diminui o fluxo de pessoas com quem os moradores têm contato social, o que acaba por favorecer os vínculos familiares ou ainda favorecer vínculos mais fortes com menor número de pessoas da comunidade, como o caso de Perpétua.

Percebe-se a importância dos ritos em torno da religião católica para as(os) moradoras(es) da comunidade, principalmente no que tange à socialização, sendo a igreja um importante ponto de encontro, há anos, para aquelas pessoas que têm família na comunidade, e principalmente para quem vive só, como única ou rara oportunidade de estar com outras pessoas.

Percebemos também uma relação distinta em relação a gênero, em que homens e mulheres têm relações diferentes com a prática religiosa. Açafrão comentou que “*tenho fé, mas não sou muito igrejeiro*”. Apesar de já ter sido responsável pela administração da igreja e trabalhar na comissão da organização das festas, não é de frequentar todos os cultos ou missas. Já as mulheres, em sua maioria, têm outra frequência na capela Além das atividades religiosas comunitárias como cultos, missas, terços, elas desenvolvem ações de caridade no espaço da igreja. Inclusive, foram as mulheres que começaram o movimento para a construção de uma “casinha” ao lado da igreja para atividades da Pastoral da Criança, bazares, costuras etc. Ou seja, muitas áreas da vida das mulheres estão atreladas à religião; já os homens se movimentam por outros espaços.

**A relação com a pandemia de Covid-19**

Perguntamos aos velhos e velhas, sujeitos desta pesquisa, sobre o isolamento e distanciamento decorrente da pandemia de Covid-19, questionando sobre o que mudou na rotina ou na sua vida. No primeiro momento, percebemos um pensamento compartilhado entre os(as) entrevistados(as) de uma certa imunidade do rural, do campo, como se o vírus não fosse chegar ali, e, posteriormente, com certa surpresa nos contavam que algum(a) conhecido(a) ou parente havia falecido ou estava internado(a).

Quando perguntado sobre sua preocupação quanto a Covid, Gengibre demonstrou não ter conhecimento sobre o assunto e disse não estar muito preocupado, e ao mesmo tempo lembrou da sua fragilidade atrelada à idade, sua condição de saúde, e seu contexto particular de convívio reduzido ao ambiente da casa. Sua filha, Sálvia, complementa-o, lembrando que ele não sabe muito sobre o que está acontecendo porque fica mais em casa, não sai. Gengibre diz sentir-se alegre em comer bem e morar perto da família. Durante as refeições, sempre se reúnem Gengibre, Calêndula e Manjerona. Percebemos que a reunião da família foi algo que não mudou, já que moram no mesmo terreno ou na comunidade, sendo esse, também, um fator que dá a sensação para as pesquisadoras de que não há uma mudança na rotina e um distanciamento acontecendo na comunidade.

Cravo não tem saído de casa para ir para parte alguma, apenas para a casa do filho, que mora do outro lado da rodovia. Ela narra que não se incomoda de ficar em casa; pelo contrário, gosta. Mas Rosa, sua nora, já viajou para São Paulo para buscar produtos para sua loja, que funciona ao lado de sua casa, ou seja, o lugar frequentado por Cravo. Percebemos na fala de Rosa uma preocupação inicial com a gravidade do assunto, contando sobre a primeira vez que viajou num ônibus com metade da sua capacidade; logo após a liberação das viagens no estado, mas relata que, logo na próxima viagem, o transporte foi lotado, “*e lá* [em São Paulo] *tá tudo normal, um formigueiro como sempre*”.

Mais pontos são levados em consideração para Açafrão, que comenta que “*pesou um pouco*” o advento da pandemia, pois as festas foram canceladas e o preço das coisas (no mercado) ficou mais elevado. Ao mesmo tempo diz que não mudou tanto por estar junto com a família, da mesma forma que antes disso tudo. Apesar de não ter parentes nas proximidades, Perpétua também mantém contato com a família e com uma vizinha que mora em frente à sua casa, a “*Nega*”, com quem pode contar e tem uma relação recíproca, segundo ela. Perpétua, ciente da pandemia da Covid-19, não fala sobre o vírus/doença, apenas sobre sua rotina relacionada à pandemia, como a continuidade dos cultos, em que “*não podia sair, mas nós entrava por trás* [na igreja] *e não abria a frente*”. Assim, Perpétua traz exemplos de que não houve tantas modificações em sua rotina ou medidas de restrições, para contenção da disseminação do vírus, efetivas na comunidade.

Desse modo, apesar de, aparentemente, não haver mudanças na rotina das pessoas de forma a impactar seu comportamento em relação ao cuidado, como, por exemplo, fazer uso de máscaras e manter o distanciamento, percebemos que o tempo do campo é outro: o tempo de compreensão da amplitude da pandemia; o tempo do dia, com as atividades e a possibilidade de interrompê-las para conversar com um(a) outro(a) morador(a); e o tempo de cada um(a), a partir de sua subjetividade, sua história.

**Considerações Finais**

Ouvir o sujeito da experiência em sua narrativa é uma abertura à valorização dos sentidos atribuídos ao processo de envelhecer. A redução das experiências das velhices a uma leitura mecanicista, de causalidade orgânica sobre os processos de saúde e doença, segundo o paradigma biomédico, é insuficiente para conferir centralidade às narrativas dos sujeitos, cujas experiências atravessam e são atravessadas pelos determinantes sociais e históricos no seu ciclo de vida. A centralidade das vozes de velhos e velhas que seguem criando alternativas, canteiros, hortas, animais, adaptando e recebendo ajuda quando necessário, ocupando o território-lar em que habitaram durante a maior parte da sua vida, representa a particularidade do envelhecer em uma casa-comunidade no interior do Paraná, não pretendendo, este estudo, retratar a totalidade de comunidades rurais ou esgotar as possibilidades de interpretação e compreensão das narrativas.

A manifestação dos significantes que afetam e são afetados pelo processo de envelhecimento na comunidade rural possibilitou elencar três eixos para discussão, os quais relacionam-se à agricultura, às relações na comunidade e a pandemia de Covid-19. Outrossim, estes eixos abarcam questões sobre o território, o gênero, o êxodo rural, as práticas capitalistas de produção e consumo, atravessamentos que constituem e continuam movimentando a construção sociocultural das experiências de envelhecer na comunidade rural que as velhas e velhos ocupam.

Percebemos o quanto a agricultura é constitutiva para o sujeito velho, no campo, e continua movimentando mesmo aqueles(as) que não têm mais condições de ir para a roça e enfrentar sol e chuva, ao continuarem com tarefas que lhes deixam próximos(as) da terra, seja cultivando horta, plantas medicinais ou passeando pelo quintal, “mexendo numa coisinha aqui e outra ali”. Contudo, existe um certo pesar de que os mais jovens não tenham interesse em dar continuidade a estas práticas e, embora o(a) camponês(a) velho(a) se adapte às mudanças, tal como o recente cultivo de fumo, relembra, com certo saudosismo, a época em que “se comia o que se plantava”. Da mesma forma, as relações comunitárias, ao longo do tempo, têm se desgastado e ficado cada vez mais distanciadas, sendo o contato mantido por festejos em torno da religiosidade local, mas apenas superficialmente. As velhas e os velhos entrevistados, portanto, lamentam o distanciamento social que vem acontecendo em sua comunidade, o que não é da ordem da Covid-19. Mesmo assim, ainda narram sobre a alegria e sobre se sentirem confortáveis no lugar em que estão envelhecendo, e mantêm o desejo de que os laços comunitários se revitalizem: “*Ainda bem que eu tenho toda essa alegria... Sou alegre toda vida*”, conclui Cravo.

Espera-se que este artigo contribua para a realização de futuras pesquisas envolvendo as velhices nas comunidades rurais, considerando os diferentes contextos, grupos sociais, demandas e recursos que atravessam a realidade política, socioeconômica e cultural destes territórios, colaborando para o avanço e a ampliação das políticas públicas que garantam os direitos fundamentais para que velhas e velhos possam longeviver como e onde desejarem.

**Referências**

Ferrer, M. L. P. (2018). *O impacto dos fatores ambientais na incapacidade funcional de idosos: a importância de políticas públicas que valorizem o Aging in place*. Tese de doutorado, Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Golant, S. M. (2008). Commentary: irrational exuberance for the aging in place of vulnerable low-income older homeowners. *Aging Soc Policy, 20*(4), 379-397. Recuperado em 30 novembro, 2020, de: DOI: http://dx.doi.org/10.1080/08959420802131437.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2010). *Censo: Universo - Características da População e dos Domicílios.* Recuperado em 30 novembro, 2020, de: [https://cidades.IBGE.gov.br/brasil/pesquisa/23/24304?detalhes=true](https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/24304?detalhes=true).

[Keating](https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/?term=Keating+N&cauthor_id=24128863), N., [Eales](https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/?term=Eales+J&cauthor_id=24128863), J., &  [Phillips](https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/?term=Phillips+JE&cauthor_id=24128863), J. E. (2013). Age-Friendly Rural Communities: Conceptualizing 'Best-Fit'. *Canadian Journal on Aging*, *32*(4), 319-332. Recuperado em 30 novembro, 2020, de: DOI: [10.1017/S0714980813000408](https://doi.org/10.1017/s0714980813000408).

Messy, J. (1999). *A pessoa idosa não existe.* *Uma abordagem psicanalítica da velhice*. (2a ed.). Trad.: José de Souza e Mello Werneck. São Paulo, SP: Editora Aleph.

Moraes, G. V. O., Giacomin, K., Santos, W. J., & Firmo, J. O. A. (2016). A percepção dos idosos sobre o saber biomédico no cuidado à velhice e às "coisas da idade". *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, *26*(1), 309-329. Recuperado em 30 novembro, 2020, de: https://www.scielo.br/j/physis/a/QgqbCmftGtQ5PM9VfDZrSgd/?lang=pt&format=pdf.

OMS (Organização Mundial da Saúde). (2008). *Guia global: cidade amiga do idoso*. Genebra: Organização Mundial da Saúde. Recuperado em 14 fevereiro, 2020, de:
https://www.who.int/ageing/GuiaAFCPortuguese.pdf.

Pinto, I. M. B. (2013). *Vinculação ao lugar e redes de suporte social: contributos para aging in place no núcleo urbano de Viana do Castelo*. Instituto Politécnico de Viana do Castelo: Dissertação de mestrado em Gerontologia Social.

Sochodolack, H., & Maneira, R. (2019). Narrativas sobre o “criador”: práticas e produções do espaço em comunidades rurais de Irati, Paraná. *Revista NUPEM*, *11*(22), 54-67. Campo Mourão, PR: UNESPAR.

Wanderley, M. N. B. (2000). *A Emergência de uma Nova Ruralidade nas Sociedades Modernas Avançadas*: *O “Rural” como Espaço Singular e Ator Coletivo*. Recife, PE: UFPE.

Wanderley, M. N. B., & Lourenço, F. A. (1998). O agricultor e a vida local. *In: A agricultura familiar*. Campinas, SP: Ed. Unicamp. V.II.

World Health Organization. (2015). *World report on ageing and health*. Geneva, Suisse: WHO.

Zourabichvili, F. (2004). *O vocabulário de Deleuze*. Trad.: André Telles. Rio de Janeiro, RJ: Relume Dumará.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

**Débora Cristina Pereira Prado** - Engenheira Florestal, terapeuta e instrutora de Yoga, com formação em Gerontologia Social, Instituto Sedes Sapientiae. Responsável pelas oficinas de Yoga e Relaxamento no Departamento da Política da Pessoa Idosa na Secretaria de Assistência Social em Irati, PR.

E-mail: dcpprado@yahoo.com.br

**Lirian Simões Krupek** - Acadêmica do curso de Psicologia, com formação em Gerontologia Social, Instituto Sedes Sapientiae. Estagiária no Departamento da Política da Pessoa Idosa na Secretaria de Assistência Social em Irati, PR.

ORCID iD: https://orcid.org/0000-0001-9273-8747

E-mail: sklirian@hotmail.com

**Priscila Leite Gonçalves** – Psicóloga e Mestre em Gerontologia. Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano da Universidade de São Paulo e colaboradora do Núcleo de Assistência Social do Instituto Sedes Sapientiae.

ORCID iD: https://orcid.org/0000-0002-6354-7973

E-mail: priscilaleite.g@gmail.com